



Satisfação e insatisfação dos professores da rede pública de Mato Grosso: indicadores laborais, econômicos e titulação

*Satisfaction and dissatisfaction of public school teachers in Mato Grosso:
labor, economic indicators and qualifications*

*Satisfacción e insatisfacción de los docentes de escuelas públicas de Mato Grosso:
indicadores laborales, económicos y calificaciones*

Helvécio Pereira Lopes¹

Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso

Evando Carlos Moreira²

Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo: O objetivo do presente estudo foi aferir a (in)satisfação laboral dos professores da rede na rede pública de educação do estado de Mato Grosso, com ênfase nos indicadores de satisfação relacionado ao pensamento de abandono da profissão; às práticas paralelas com outras atividades econômicas, à situação funcional e à titulação dos docentes. Foram utilizados três instrumentos para produção dos dados: questionário socioeconômico/laboral; questionário de estressores em professores e o *Cuestionario para la Evaluación del Síndrome de quemarse por el Trabajo – CESQT*. Os resultados indicam que aproximadamente 60% dos professores estão satisfeitos com a profissão, porém entre os que se declaram insatisfeitos, mais da metade (51,3%) afirmaram o pensamento de troca da profissão. Nove em dez professores não exercem outra atividade se não à docência. O índice de satisfação é maior entre os professores contratados temporariamente em relação aos efetivos. A insatisfação laboral aumenta em direção à titulação dos professores. Consideramos por meio dos resultados a necessidade de aprofundamento do assunto preferencialmente em perfil longitudinal com a necessidade do fortalecimento das políticas de Estado em detrimento das políticas de Governo que possibilitem a satisfação laboral entre os docentes.

Palavras-chave: Professores; Profissão; Satisfação laboral.

Abstract: The objective of the present study was to assess the job (dis)satisfaction of teachers in the public education network in the state of Mato Grosso, with an emphasis on satisfaction indicators related to the thought of abandoning the profession; to parallel practices with other economic activities, the functional situation and the qualifications of teachers. Three instruments were used to produce data: socioeconomic/labor questionnaire; questionnaire on stressors in teachers and the *Cuestionario para la Evaluación del Síndrome de quemarse por el Trabajo – CESQT*. The results indicate that approximately 60% of teachers are satisfied with their profession, but among those who declare themselves dissatisfied, more than half (51.3%) said they were considering changing their profession. Nine out of ten teachers have no other activity than teaching. The satisfaction rate is higher among temporarily hired teachers compared to permanent teachers. Job dissatisfaction increases towards teachers'

¹Doutorado em educação pela UNINOVE. Professor SEDUC/MT. E-mail: helweciolopes@hotmail.com; Lattes: <https://orcid.org/0000-0003-1224-4670>.

²Pós-doutorado pela UMINHO – Portugal. Professor do PPGE/UFMT. E-mail: ecmmoreira@uol.com.br; Lattes: <https://orcid.org/0000-0002-5407-7930>.



qualifications. Through the results, we consider the need to delve deeper into the subject, preferably in a longitudinal profile, with the need to strengthen State policies to the detriment of Government policies that enable job satisfaction among teachers.

Keywords: Teachers; Profession; Job satisfaction.

Resumen: El objetivo del presente estudio fue evaluar la (in)satisfacción laboral de los docentes de la red de educación pública en el estado de Mato Grosso, con énfasis en indicadores de satisfacción relacionados con el pensamiento de abandonar la profesión; el paralelismo de las prácticas con otras actividades económicas, la situación funcional y la cualificación del profesorado. Se utilizaron tres instrumentos para producir datos: cuestionario socioeconómico/laboral; cuestionario sobre estresores en docentes y el Cuestionario para la Evaluación del Síndrome de quedarse por el Trabajo – CESQT. Los resultados indican que aproximadamente el 60% de los docentes están satisfechos con su profesión, pero entre los que se declaran insatisfechos, más de la mitad (51,3%) dijo que estaba considerando cambiar de profesión. Nueve de cada diez docentes no tienen otra actividad que la docencia. La tasa de satisfacción es mayor entre los docentes contratados temporalmente en comparación con los docentes permanentes. Aumenta la insatisfacción laboral hacia la cualificación docente. A través de los resultados, consideramos la necesidad de profundizar en el tema, preferentemente en un perfil longitudinal, con la necesidad de fortalecer las políticas de Estado en detrimento de políticas de Gobierno que posibiliten la satisfacción laboral de los docentes.

Palabras clave: Docentes; Profesión; Satisfacción laboral.

Recebido em: 22 de outubro de 2024

Aceito em: 03 de março de 2025

Introdução

É jurisprudente afirmar que as condições laborais corroboram os indicadores de satisfação ou não, no mundo do trabalho ao longo da trajetória histórica da humanidade. A produção científica acerca da docência é diversa e indica, a descrição de uma “crise” que perdura ao longo de todos os “achados” descritos nessas produções. A educação tem exigido um esforço adicional dos professores em seu cotidiano laboral e uma necessidade de novos condicionamentos laborais para realizar as tarefas pedagógicas e em muitos casos para o além delas. No enfretamento desta narrativa não se desconsidera a possibilidade de insatisfação laboral estar aliada ao adoecimento docente, assim, o estudo das relações dessas constantes readaptações laborais e as condições sob as quais os professores se veem obrigados a conviver em condições laborais, muitas vezes nefastas à saúde física e mental se constituem em um grande desafio aos pesquisadores na área da educação. Segundo Pimenta (2018) “A saúde mental se tornou a maior preocupação do século e algo que vem sendo prejudicada frequentemente dentro das organizações”.



A expressão “Profissão Docente” referenda um profissionalismo laboral por parte do professor, o que exige uma qualificação prévia para exercer a função, além de constante qualificação para se mantenha atualizado.

Para que uma pessoa seja profissional não basta apenas a titulação na área de atuação, é necessário que a pessoa exerça sua atividade laboral na qual possui a titulação e mais ainda, que ele consiga subsistir com os proventos financeiros advinda de tal atividade, assim, o profissional da docência deve possuir a titulação pertinente a sua área de atuação e conseguir o equilíbrio financeiro em sua profissão. Questão apresentada como de difícil conciliação, muitas vezes pelo longo processo de desvalorização ao qual o professor foi e é submetido.

Outra possibilidade de entendimento da desvalorização da Profissão Docente perpassa pela falta (ou excesso?) de políticas públicas condizentes ao bem-estar mental dos professores. Codo (1999, p. 294) identificou em seus estudos realizados nos Estados Unidos, que professores com dez anos ou mais anos de atuação buscam refúgios em outras funções administrativas ou se desligando da vida docente, complementa o autor, que a docência, é um lugar onde “[...] o diploma deixou de ser um salvo-conduto para uma vida melhor [...]. Um trabalho, na prática, desvalorizado, mas importante o suficiente para que se culpe o professor por todas as mazelas da sociedade”. (CODO, 1999, p. 229).

Um efeito direto à desvalorização da Profissão Docente é o absenteísmo e o presenteísmo. Neste segundo efeito, entende-se que ao menos o professor fisicamente se faz presente as suas aulas, já o primeiro é tido como uma fase severa do segundo. Zaragoza comenta que o fenômeno aparece como forma de buscar um alívio, permitindo ao professor (1999, p. 63):

Escapar momentaneamente das tensões acumuladas em seu trabalho. Recorre-se, então, aos pedidos de licença trabalhistas ou, simplesmente, à ausência do estabelecimento escolar por períodos curtos, que exigem não mais do que uma justificativa.

A valorização docente transita por sua “formação” no âmbito atual da educação, mas uma formação que não busque apenas a realização de práticas inovadoras por parte dos professores, mas que essas inovações se propagem em todo âmbito escolar, enxergando em todos os envolvidos na educação elementos de aprendizagem, retirando o fardo dos ombros, exclusivamente do professor, fornecendo condições ao desenvolvimento profissional.

A profissão docente deve ser reflexiva e inovadora, sem perder sua autonomia, conforme destaca Tardif e colaboradores (1997, p. 28):



Assim, a inovação, o espírito crítico e a “teoria” são ingredientes essenciais para a formação de um praticante “reflexivo”, capaz de analisar situações de ensino, reações dos educandos, bem como as suas, e capaz de modificar simultaneamente o seu comportamento e os elementos da situação, a fim de atingir os objetivos e os ideais que se propôs.

O professorado se revela como uma práxis no desenvolvimento de suas funções laborais, o professor não apenas cumpre seu expediente de trabalho no local — sua sala de aula —, como também ultrapassa essa fronteira física de seu labor, influenciando mudanças ao seu entorno e, ao mesmo tempo se auto reformula por suas experiências profissionais, contribuindo de forma permanente para uma edificação das identidades de seus alunos. Conforme Nóvoa (2007, p. 16):

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. Porém, é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor.

Se a leitura for contemporânea, não temos como refutar as transformações advindas com o processo de globalização, a era informacional transformou as formas de produção, os trabalhos, as estruturas sociais, e nessa última encontra-se o contexto escolar e a profissão do professor. Ao mesmo cabe a busca pelo prazer em exercer sua atividade, prazer esse que deve perpassar por uma formação sólida e reflexiva, superando todas as alienações em busca de educação de qualidade.

Levy-Leboyer (1994, p.150) afirma:

A motivação não é nem uma qualidade individual, nem uma característica do trabalho: não existem indivíduos que estejam sempre motivados nem tarefas igualmente motivadoras para todos. Na realidade, a motivação é bem mais que um processo estático. Trata-se de um processo que é ao mesmo tempo função dos indivíduos e das atividades específicas que eles desenvolvem. É por isso que a força, a direção e a própria existência da motivação estarão estreitamente ligadas à maneira pessoal pela qual cada um percebe, comprehende e avalia sua própria situação no trabalho e, certamente, não à percepção daqueles que estão fora dela como os tecnocratas, os administradores e os psicólogos.

Frente o exposto, surge a seguinte indagação: os professores estão satisfeitos com o trabalho que realizam? Para abordar essa questão, este estudo tem como objetivo aferir a (in)satisfação laboral dos professores da rede pública de educação do estado de Mato Grosso, com foco específico em indicadores de satisfação relacionados ao pensamento de abandono da profissão, à realização de atividades econômicas paralelas, à situação funcional e à titulação dos docentes.



Procedimentos Metodológicos

Caracterizações da pesquisa

O presente estudo apresenta uma abordagem quantitativa — o tamanho da população pesquisada direcionou a este tipo de abordagem (mais de 24 mil indivíduos), com uma necessidade mínima de 3.540 participações (sem levar em consideração nenhuma inconsistência no preenchimento dos instrumentos coletores de dados da pesquisa), estatisticamente falando, norteou a locação da pesquisa nessa abordagem, a nossa análise, a mais apropriada para o trabalho de pesquisa.

Sabemos que a pesquisa quantitativa apresenta pontos favoráveis e desfavoráveis quando comparada com a abordagem qualitativa, e que o inverso é também verdadeiro. No entanto, Fonseca (2002) afirma que os elementos fortes de cada uma das abordagens complementam as fraquezas do outro e, dessa forma, enfatiza que essa complementariedade contribui para um maior desenvolvimento da ciência.

Segundo Fonseca (2002, p. 20):

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa [...] A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

Após a definição da abordagem de pesquisa, uma parceria com a Secretaria de Educação de Mato Grosso — SEDUC, mais especificamente com o setor de Tecnologia da Informação, oportunizou-se um alcance universal a todos os professores da rede pública estadual de educação através da distribuição eletrônica dos instrumentos coletores de dados pela plataforma do SigEduca³. Por esse recurso, ficou definido que o universo da pesquisa seriam as 778 (setecentas e setenta e oito) escolas estaduais de Mato Grosso no ano da pesquisa, distribuídas geograficamente pelos 141 (cento e quarenta e um) municípios, para mais de 24 mil professores.

Um *banner* de divulgação da pesquisa foi inserido na área inicial da plataforma, de modo que, ao acessar o sistema para lançamentos de frequência, de notas/relatórios dos

³ Sistema Integrado de Gestão Educacional visa facilitar as atividades administrativas da escola e suas operacionalidades, permitindo o controle da vida escolar do aluno, da vida funcional de professores e funcionários, garantindo assim um melhor gerenciamento acadêmico.



alunos e ainda dos conteúdos ministrados, os professores tivessem acesso ao *link* da pesquisa. O critério único de inclusão foi que o pesquisado estivesse em exercício na sua função laboral durante o período de coleta dos dados. Esse critério foi facilmente atendido, pois só tem acesso ao SIGEDUCA, os professores em exercício da função, sejam eles efetivos ou contratados temporariamente. Professores em férias, licenças médicas, dentre outras, tem seu acesso ao sistema suspenso.

Foram utilizados três instrumentos coletores das informações necessárias para a realização dessa pesquisa. O primeiro foi um questionário socioeconômico/laboral composto por quinze questões visando o reconhecimento do perfil dos participantes quanto a: identificação social (questões 1, 2, 3, 12 e 15), identificação laboral (questões 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 15), identificação econômica (questão 15), identificação da satisfação laboral (questões 10 e 11). O segundo foi um instrumento denominado de estressores em professor, este instrumento foi norteado pela literatura existente no Brasil acerca do assunto. O certo é que existem diversos estressores presentes da vida docente, contudo as bibliografias existentes (Carlotto e Palazzo, 2006; Lipp, 2002; Codo, 1999; Sá et al., 2007; Kelly et al., 2007; Pocinho; Capelo, 2009) apontam para uma saturação empírica. Desse modo estruturou-se o instrumento em dois blocos, a saber: o primeiro composto por dezesseis questões de cunho fechado e dispostos em uma escala de percepção tipo *likert*, com variante entre: não estressante, pouco estressante, estressante e muito estressante. O segundo bloco composto por questão única e aberta que permitiu ao entrevistado a descrição de outros possíveis estressores não contemplados no primeiro bloco. O instrumento contemplou o recolhimento das informações quanto aos estressores presentes na: função laboral, pluralidade laboral, condições laborais, condições econômicas, relações interpessoais e conciliação da docência com outras atividades. O terceiro instrumento foi o *Cuestionario para la Evaluación del Síndrome de quemarse por el Trabajo – CESQT*.

O CESQT original foi adaptado em diversos idiomas, tendo sua validade fatorial sido considerada adequada, bem como a sua consistência interna. No Brasil, a versão para professores, foi validada por Gil-Monte, Carlotto e Câmara (2010), “CESQT-PE”.

Do tratamento dos dados

O universo inicial da pesquisa foi de 24.156 (vinte e quatro mil, cento e cinquenta e seis) professores distribuídos em 141 (cento e quarenta e um) municípios mato-grossenses. A proposta metodológica foi a de alcançar o maior grau de confiabilidade possível, excetuando a totalidade. Desse modo, a proposta era ter 99% no grau de confiabilidade estatística, ainda que

a margem de erro fosse igual ou menor a 2%. Para o alcance dessa proposta foi necessário estipular a meta de 3.540 (três mil e quinhentas e quarenta) participações.

Com projeção de possíveis inconsistências no preenchimento dos instrumentos de pesquisa, majorou-se a proposta em 5%, uma vez que as pesquisas realizadas nessa proposta demonstram que as inconsistências não ultrapassam a 2% do preenchimento total. Assim, a meta primária de alcance foram de 3.717 (três mil setecentos e dezessete) respostas.

Fechado o ciclo de recolhimento dos dados (o questionário foi disponibilizado aos professores durante 90 dias), o link foi suspenso com alcance primário de 3.737 (três mil setecentas e trinta e sete), ultrapassando a meta prevista dentro da margem de erro das possíveis inconsistências. Posteriormente, promoveu-se a etapa de filtragem dos questionários, buscando possíveis inconsistências quanto ao preenchimento. Três inconsistências foram avaliadas nessa busca: “formação acadêmica” – com 9 respostas inconsistentes e excluídas; “duplicações” – foram identificadas e devidamente excluídas 36 respostas duplicadas e em alguns casos até triplicadas; “padronização de respostas nos questionários” – 31 instrumentos foram excluídos por esse critério.

Outro fator que contribuiu para a subtração final do número efetivo de participantes, foram os professores que acessaram o sistema do SIGEduca, leram (supõe-se) o termo de consentimento livre e esclarecimento e finalizaram sua participação, não concordando em participar da pesquisa. Esse universo contou com 34 participações.

Após etapa de filtragem dos questionários e, os 110 questionários excluídos, obteve-se o número de 3.627 (três mil seiscentos e vinte e sete) participantes, validando assim as metas de 99% de confiabilidade e 1,97% de margem de erro.

O questionário de identificação do pesquisado foi tratado a priori de forma paramétrica, onde os valores de cada questionamento foram confeccionados de forma individual até a elaboração final de um perfil dos professores da rede estadual de educação de Mato Grosso. Num segundo momento, os dados foram dispostos de forma não parametrizadas, com intuito de melhor visualização analítica dos números, comparando-os entre si e também com dados dos outros instrumentos de coletas.

O CESQT teve tratamento balizado pelas médias aritméticas simples de cada questionamento dentro de suas respectivas dimensões. Na escala subjetiva apresentada aos pesquisados, através do CESQT-PE, foram atribuídos valores ordinais de Zero a Cinco na seguinte graduação: 0 = Nunca; 1 = Raramente; 2 = Às vezes, 3 = Frequentemente; 4 = Diariamente. Com a devida atribuição de valores ordinais e conhecendo a composição de cada dimensão (número de questões), pode-se encontrar o número de corte para a classificação de negatividade ou positividade da Síndrome de Burnout em suas respectivas dimensões.



Composto por dois blocos de questionamentos de caráter distintos, um composto por dezesseis questões fechadas e outro por apenas uma questão aberta, o questionário de estressores em professor teve o tratamento dos dados procedido de formas distintas.

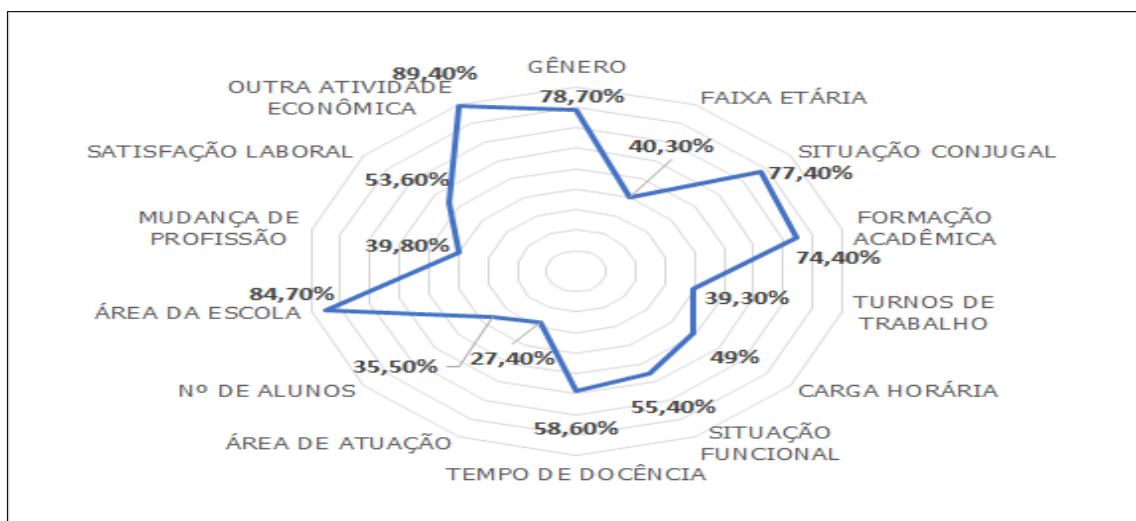
O primeiro bloco questionava a presença de possíveis estressores na carreira profissional dos professores, as respostas estavam dispostas em uma escala subjetiva tipo *Likert* disposta em ordem crescente do possível estresse: não estressante; pouco estressante; estressante; muito estressante. Escalas essas equiparadas ao modelo quadrifásico de Lipp (2002). Para a obtenção do resultado de cada questionamento foram criadas duas categorias, a do SIM e a do NÃO. A do SIM representava que o indicador de estresse sugerido em cada questionamento foi considerado positivo para a pesquisa e a do NÃO promoveu a negativação do estressor na função laboral dos professores. Para se chegar a uma das duas categorias ocorreu o agrupamento das respostas na seguinte ordem: SIM = somatória das respostas estressante e muito estressante; NÃO = somatória das respostas não estressante e pouco estressante.

Cabe destacar que a pesquisa ora apresentada foi devidamente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso, sob Parecer nº 4.240.068.

Dos Resultados

Inicialmente, destaca-se o perfil dos participantes, representando a média encontrada na pesquisa, servindo assim, apenas para referencias didáticos e correlacionais, devendo todas as diferenças individuais dos participantes serem respeitadas.

Gráfico 1 – Perfil socioeconômico-laboral dos professores da rede pública estadual de educação de Mato Grosso



Fonte: construção dos autores.



A predominância do gênero é o feminino em uma faixa etária de até 45 anos, possui especialização em sua escolaridade, trabalha predominantemente em dois turnos (matutino e vespertino) num regime médio de 30 horas semanais e vive com companheiro(a). A maioria é servidor estável e possui em média de 7 a 25 anos de profissão, trabalha em unidade escolares urbanas com atendimento superior de 200 alunos.

(In) satisfação Profissional dos Professores com a Docência

A satisfação sem dúvida é antônima do estresse laboral, visto que o nível de satisfação é proporcionalmente inverso aos efeitos dos estressores decorrentes da lida diária de um trabalhador, pois quanto menor a intensidade desses estressores maior será a probabilidade da instauração da satisfação em âmbito laboral, respeitando devidamente o perfil individual de cada trabalhador quanto a resposta a tais estressores. Segundo McClelland (1972) “Um indivíduo que não consegue expor e alcançar a compreensão de suas verdadeiras necessidades no âmbito profissional, pode estar destinado ao fracasso financeiro; ao desgaste emocional ou a ter suas capacidades produtivas comprometidas”.

Em referência ao exercício docente, o nível de satisfação está ligado ao bem-estar do professor e intimamente correlacionado a toda cadeia pedagógica que o circunda. A satisfação laboral docente estimula uma série de sentimentos e atitudes positivas que favorecem o bom relacionamento interpessoal com toda a comunidade escolar, potencializando assim uma melhoria da aprendizagem dos alunos. O inverso também deve ser encarado como verdadeiro, o professor exposto a um sentimento de insatisfação laboral, não reserva tal sentimento de forma exclusiva a si, mas o socializa em suas ações e comportamentos, afetando, consequentemente, toda sua estrutura escolar. Nesse sentido afirmam Ramos e colaboradores (2016):

A satisfação no trabalho de professores tem sido relacionada ao nível de desempenho docente e à eficiência no alcance dos objetivos de ensino. Entende-se que professores mais satisfeitos com a função obtêm melhores resultados e por isso tem sido considerada como um aspecto fundamental da docência. Melhores níveis de satisfação podem resultar na melhoria dos resultados escolares.

De acordo com Robbins et al. (2011, p. 70) “Uma pessoa que tem um alto nível de satisfação no trabalho apresenta sentimentos positivos com relação a ele, ao passo que alguém com um nível baixo de satisfação apresenta sentimentos negativos”.



De uma forma ampla, esse tópico procurou quantificar percentualmente os índices de satisfação laboral dos professores da rede pública estadual de Mato Grosso, a partir de um questionamento direto, em que os participantes identificavam seu sentimento atual em relação à sua profissão, afirmando estarem satisfeitos ou insatisfeitos, ou ainda, se tal sentimento era de indiferença em relação à mesma. A elaboração desse construto se baseou no entendimento de que a satisfação laboral é derivada de fatores diversos do dia a dia no trabalho, mas, sobretudo na perspectiva social, cognitiva e afetiva.

Quanto à relação com a profissão

Na resposta desse questionamento, obtiveram-se os seguintes valores absolutos:

- ✓ Professores que declararam satisfação 1.945
- ✓ Professores que declararam insatisfação 1.261
- ✓ Professores que declararam indiferença 421

A leitura dos valores expressos foi realizada com a exclusão dos professores que declararam indiferença perante a profissão, não sendo possível a identificação de sua satisfação laboral. Com a exclusão temos o redimensionamento percentual assim distribuído:

- ✓ Professores que declararam satisfação 60%
- ✓ Professores que declararam insatisfação 40%

Apesar da predominância da satisfação laboral, o percentual de insatisfação é razoavelmente preocupante, sobretudo se a análise for em relação ao universo total da rede pesquisada, nesse caso, o percentual de 40% estimaria algo aproximado há dez mil professores insatisfeitos com sua profissão em Mato Grosso.

Entre os participantes que declararam satisfação, uma parcela considerável o fez com apontamento de várias ressalvas, mesmo afirmando a sua satisfação o participante relatou alguns estressores laborais que os incomodava no desempenho de suas funções, a exemplo:

O desinteresse de grande parte do aluno e a falta de responsabilidade de alguns colegas, porém gosto do que faço, e procuro dar o melhor de mim, os desafios levam-me a buscar mais conhecimento. (Professor 1177)

Os participantes satisfeitos ainda possuem uma peculiaridade que merece destaque, o fato de os professores na fase de entrada na carreira apresentar junto ao sentimento de satisfação o de desconfiança, manifestam simultaneamente a satisfação laboral e a dúvida de estarem na carreira profissional adequada para ele:



[...] Não sei se um dia irei me sentir completamente realizado no trabalho, não me sinto um bom profissional, nem sei se o que estou fazendo está realmente certo, não consigo entender bem o que devo fazer, me sinto despreparado, o olhar de julgamento dos colegas me fazem ficar receoso em relação ao trabalho, grande quantidade de alunos em sala, incompreensão dos pais em relação a quantidade de alunos em sala, ao trabalho que levo pra casa, a falta de uma vida social em resposta a quantidade de trabalho que levo pra casa [...], penso muitas vezes se realmente é nisso que sou bom, as vezes que me arrepio em sala de satisfação aumentou em relação ao ano passado, porém gostaria de saber quando o medo e a vergonha dos julgamentos dos colegas de profissão e pais irão acabar? (Professor 3442).

No grupo dos professores insatisfeitos destacam-se três estressores em suas narrativas: a desvalorização docente, a violência e a falta de interesse dos alunos. Essas três narrativas aparecem como as principais motivadoras da insatisfação docente.

A desvalorização é atribuída a uma gama de fatores entre eles a questão do não reconhecimento profissional por parte dos pais e da sociedade e também da questão salarial:

[...] Ou seja, continuamos a levar trabalho para casa, o que aumenta significativamente a insatisfação com o trabalho, com a desvalorização salarial, com o sentimento de desvalorização enquanto profissionais, e, consequentemente, com o aumento intensivo do stress. Para mim, a quase completa ausência de disciplina dentro de sala de aula é um fator muito estressante (Professor 1494).

A violência é outro fator amplamente presente nos relatos dos professores como agente de promoção de insatisfação laboral. Relatos de violências verbais e até mesmo físicas são narradas entre professores e alunos, professores e pais de alunos, e professores e comunidade externa:

A violência que acontece na sala de aula e a vítima que sou eu, não fui amparada, pelo estado ou pela própria sociedade, eu tive que mudar de local de trabalho, pois a justiça nada fez, os agressores continuam impunes, eu que pago o meu tratamento médico, remédio, trabalho doente quase todos os dias [...] (Professor 1698).

O desinteresse dos alunos aparece correlacionado com a falta de acompanhamento familiar e às políticas educacionais. Em muitos dos relatos a insatisfação encontra-se atribuída ao fato da culpa da não aprendizagem dos alunos recaírem exclusivamente sobre os ombros dos professores:

A busca diária por métodos que leve aqueles alunos totalmente desinteressados e sem nem um objetivo a se interessarem, o que na maioria das vezes é sem sucesso. Pois temos uma porcentagem de alunos que realmente não querem nada, alunos que os pais não sabem mais o que fazer com eles, este que em sala de aula atormenta a vida de todos ali presente. Todas as responsabilidades são atribuídas a escola e principalmente ao



professor, e nada se faz para que as famílias tenham pelo menos a responsabilidade de educar os filhos. Considero essa a maior causa de estresse no trabalho e consequentemente o motivo das doenças dos professores. Pois esses são obrigados a aguentarem coisas que já mais aceitaria de um filho. (Professor 1443).

(In) satisfação e mudanças de profissão

A satisfação laboral tem sido discutida em espaços acadêmicos e associa-se ao desencadeamento de comportamentos de absenteísmo e queda na produtividade funcional, afetando sobremaneira o desenvolvimento profissional do trabalhador e propiciando, em muitos casos, a desistência do trabalho. A carreira docente, reconhecidamente, insere-se nesse contexto de descontentamento laboral por parte de uma parcela considerável dos professores.

A escola, antes vista como espaço erudito, funciona como uma “fábrica de futuros”, os pais matriculavam seus filhos com intuito de proporcionar uma estabilidade futura aos mesmos, tanto no sentido do conhecimento quanto no sentido da obtenção de um bom emprego, os alunos, sob a égide dos seus pais, permaneciam nos bancos escolares (possivelmente às vezes a contragosto) por acreditar nessa fábrica. Atualmente, para Larocca e colaboradores (2011, p. 1933), a escola já não tem essa significação:

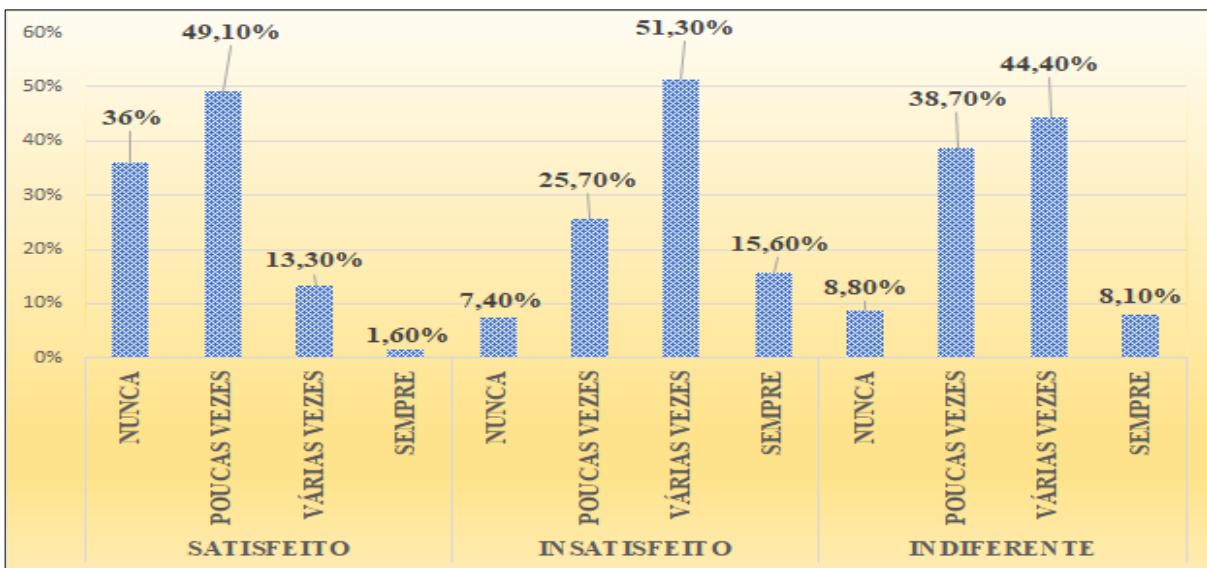
O desprestígio da imagem social dos professores está associado à alteração do seu papel tradicional nos meios locais, considerando que durante muito tempo, a escola foi espaço de transmissão de saberes enciclopédicos destinados a poucos que tinham o privilégio de estudar e era vista como um meio de ascensão econômica e social.

O quadro de desprestígio mencionado é formado por uma diversidade de estressores que se apresentam no cotidiano docente, continua Larroca e colaboradores (2011, p.1934)

Muitos docentes se desmotivam e sofrem com os baixos salários, desprestígio social, crise de identidade profissional, superlotação em salas de aula, ausência de reconhecimento de seu trabalho, falta de autonomia, sobrecarga de atividades que se estendem para casa, fora de sua jornada na escola, além de problemas como a indisciplina na escola, pais omissos, cobranças dos gestores, violência, drogas, falta de segurança etc.

Esse contexto potencializa o adoecimento docente, ao fortalecimento da Síndrome de Burnout, bem como o desencanto laboral e pensamento de mudança de profissão.

Gráfico 2 – (In) satisfação e mudanças de profissão



Fonte: construção dos autores.

O gráfico 2 representa uma relação entre o nível de satisfação declarado pelos professores com seus pensamentos quanto uma possível mudança de profissão. O eixo vertical apresenta as respostas em percentuais e o eixo horizontal corresponde à graduação em uma escala tipo *likert* da possibilidade de mudança de profissão.

Uma coerência é visível na distribuição dos percentuais entre os satisfeitos e os insatisfeitos com a profissão. Os professores que declararam sua satisfação laboral concentraram a maioria de suas respostas na escala “poucas vezes” (49,1%), ao passo que os professores que declararam insatisfação laboral o fizeram na escala “várias vezes” (51,3%). Até os indecisos mantiveram uma distribuição coerente em suas respostas, concentraram-na nas duas escalas intermediárias (83,1%), reforçando seu posicionamento de indecisão.

Com a finalidade de criar um indexador entre o cruzamento das duas variáveis apresentadas no gráfico 2, utilizou-se a seguinte estratégia matemática: Atribuíram-se valores para as escalas do eixo horizontal (já pensou em mudar de profissão): (0) para nunca, (1) para poucas vezes, (2) para várias vezes e (3) para sempre. A frequência das respostas em cada escala foi multiplicada pelo seu respectivo valor, sendo o resultado dividido pelo número de respostas de cada apontamento do eixo vertical (nível de satisfação). Desse modo, a média poderia variar entre zero a três, sendo utilizado o valor de um e meio como critério de entendimento global para apresentar uma relação entre as variáveis. Assim sendo, foram obtidas as seguintes médias e ponderações:

Quadro 1 – Indexador da (in)satisfação com mudança de profissão

Pensou desistir?	Nunca	Poucas vezes	Várias vezes	Sempre	Total	Média
Satisfação laboral						
Satisffeito	701 x 0 = 000	955 x 1 = 955	258 x 2 = 516	031 x 3 = 093	1564 / 1945	0,80
Insatisffeito	093 x 0 = 000	324 x 1 = 324	647 x 2 = 1294	197 x 3 = 591	2209 / 1261	1,75
Indiferente	037 x 0 = 000	163 x 1 = 163	187 x 2 = 374	034 x 3 = 102	639 / 421	1,51

Fonte: construção dos autores.

Os professores pertencentes ao grupo dos indecisos apresentaram uma média indexada entre as duas variáveis, próxima ao centro da variação possível (1,51), o que realmente condiz com os sentimentos de indiferença profissional. Nessa pesquisa, o universo encontrado foi de 421 professores, o que representa um percentual de 11,6%, correspondendo a aproximadamente 2.800 professores em toda rede estadual de educação, cabendo uma aproximação dos órgãos junto a esse grupo, a fim de evitar um agravamento do quadro, ora de indiferença para possível insatisfação.

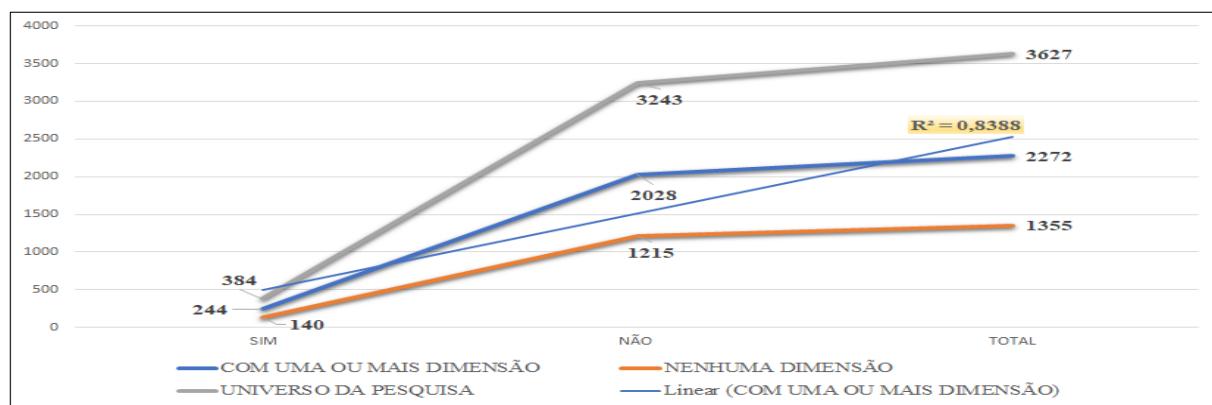
A partir dos dados apresentados pode-se verificar um maior afastamento do centro da média (1,5) por parte dos professores satisfeitos (0,80) em relação aos professores insatisffeitos (1,75). Isso implica numa leitura de que os professores insatisffeitos estão mais próximos da satisfação do que os professores satisfeitos da insatisfação. Essa leitura semântica da matemática nos serve como indicativo quantitativo, contudo o número médio de aproximadamente dez mil professores insatisffeitos com sua profissão em Mato Grosso requer uma aproximação das autoridades estaduais com intuito de identificar as causas dessa insatisfação, bem como a adoção de políticas públicas voltadas a remediação dessa problemática.

Satisfação e o exercício de outra atividade econômica

O questionamento apresentado aos professores participantes foi se eles exerciam outra atividade remunerada fora da docência. Dessa forma, pressupõe-se que alguns professores não se sentiram à vontade para responder tal questionamento. Contudo, os números obtidos apresentam alta correlação ($R^2 = 0,83$) entre as respostas desse questionamento com os índices de positivação por dimensões de burnout e o nível de (in)satisfação laboral, concluindo que mesmo pressionado de alguma forma pelo medo do anonimato de sua participação dentro da pesquisa, os professores participantes apresentaram respostas correlacionadas positivamente.



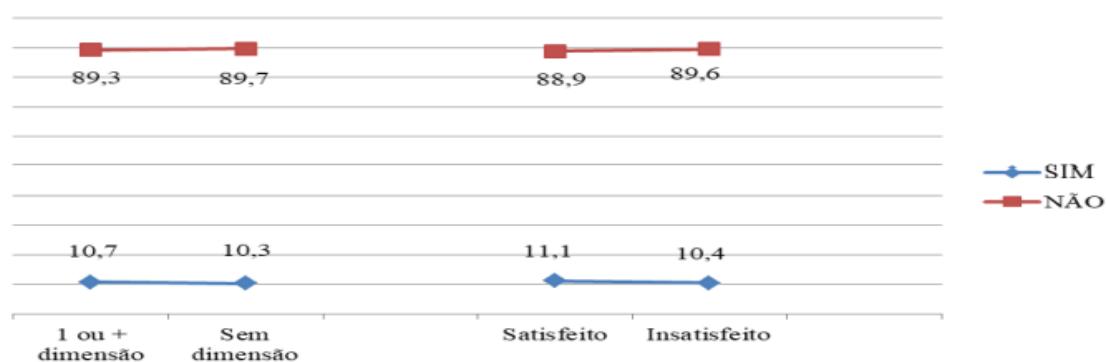
Gráfico 3 – Relação das dimensões de burnout com exercício de outra atividade econômica



Fonte: construção dos autores.

O intuito preliminar foi averiguar se o adoecimento por burnout incentiva, de certo modo, os professores a migrarem para outra prática econômica fora do campo docente. Dos 384 professores (aproximadamente 10,6% do universo da pesquisa) que declararam exercer outra atividade econômica, 244 apresentaram índices positivos em ao menos uma dimensão de burnout, o que corresponde 10,7% dos professores declarantes desse questionamento e 140 não apresentaram positivação em nenhuma dimensão, o que corresponde a 10,3%. Ou seja, não há nenhuma influência de burnout quanto ao exercício de outras práticas econômicas, uma vez que os percentuais dos dois grupos são praticamente idênticos, conforme o gráfico 4, nota-se que praticamente 90% dos participantes não exercem nenhuma outra atividade remuneratória, tanto os acometidos em ao menos uma dimensão do burnout quanto os que não apresentaram nenhum adoecimento.

Gráfico 4 – Relação de (in)satisfação laboral com exercício de outra atividade econômica



Fonte: construção dos autores.

Os dados localizados à esquerda do gráfico 4 representam a relação das dimensões de burnout com a prática de outras atividades econômicas por partes dos professores da rede



pesquisada e foram reescritos para apresentarem as semelhanças visuais e em seus percentuais quando a comparação do exercício laboral fora da docência é comparada com o indicador de (in)satisfação dos professores.

A semelhança visual entre as linhas que referendam os dados obtidos corrobora para aumentar a confiabilidade das respostas dos professores junto a esse questionamento. Nas respostas temos os indicadores de 11,1% e 10,4% (muito similares) dos professores exercendo outra atividade econômica para além da docência, onde respectivamente os mesmos declaram satisfação com a profissão e insatisfação pela atividade docente. Reforçando dessa maneira que não há relação entre as práticas econômicas alheias ao cargo de professores com o nível de satisfação profissional entre eles, pois aproximadamente 90% dos satisfeitos e dos insatisfeitos exercem exclusivamente sua função laboral.

(In) satisfação e situação funcional

Com objetivo de averiguar se existia uma possível relação entre a satisfação laboral com a situação funcional dos professores da rede investigada, relacionou-se as respostas da variável (in) satisfação com a situação funcional dos professores: efetivos e contratados, gerando o gráfico 5.

O primeiro ajuizamento de interpretação do gráfico é jurídico, uma vez em que a Constituição do Brasil, no artigo 37, estabelece:

A investidura em cargo ou emprego público depende de aprovação prévia em concurso público de provas ou de provas e títulos, de acordo com a natureza e a complexidade do cargo ou emprego, na forma prevista em lei, ressalvadas as nomeações para cargo em comissão declarado em lei de livre nomeação e exoneração.

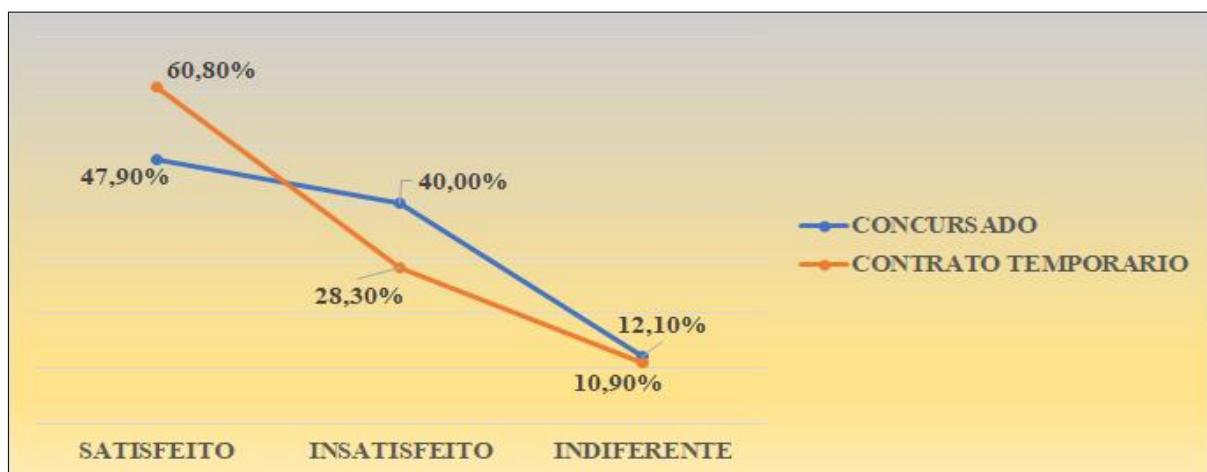
Tal dispositivo foi alterado em sua redação final por diversas outras leis, visando a flexibilização semântica do texto original e “abrindo brechas” para ordenamentos políticos, para promoções de contratações junto ao serviço público sem a devida observância legal do capítulo constitucional previsto, tal flexibilização acrescentou a possibilidade dos contratos:

Para atender à **necessidade temporária de excepcional interesse público**, os órgãos da Administração Federal direta, as autarquias e as fundações públicas poderão efetuar contratação de pessoal por tempo determinado, nas condições e prazos previstos nesta Lei. (BRASIL, 1993, grifo nosso).

O destaque realizado na citação busca uma reflexão no entendimento do enunciado, obviamente, que é de fácil compreensão a expressão “excepcional interesse público”, considerando o caso absolutamente necessário de contratação dos professores para fins de

atendimento dos alunos desassistidos por professores concursados. A difícil compreensão fica a cargo da expressão “necessidade temporária”, como pode ser temporária essa necessidade, considerando o caso de contratação de professores, uma vez que há décadas essa temporariedade não se desfaz? Como pode essa necessidade corresponder a mais de 40% de todo universo que compõe a rede pública estadual de educação de Mato Grosso?

Gráfico 5 – (In) satisfação e situação funcional



Fonte: construção dos autores.

Não serão mais entrânhos debates acerca do assunto, apenas um alerta reflexivo para entender que a situação ora posta entre nível de satisfação laboral e situação funcional dos professores seria desnecessária se as leis fossem observadas, enquanto isso não é possível, convivemos com a existência dessas duas subcategorias dentro da docência. As diferenças existentes entre as duas subcategorias são desfavoráveis aos professores contratados. Nesse sentido, afirmam Freund e Biar (2017, p. 2):

Há, entre “efetivos” e “contratados”, diferenças contratuais, de direitos, de possibilidades de carreira, de funções e de salários que precarizam as relações de trabalho do segundo grupo em relação ao primeiro. Além disso, notamos que essa diferenciação formal é retroalimentada em um plano simbólico, pelas duas escolhas lexicais que nomeiam diferentemente ambas as categorias. Muitas vezes presente na fala de alunos, funcionários e demais professores, a categorização nominal “contratado” é plena de significações com potencial estigmatizante.

Toda adversidade deveria refletir a favor dos professores efetivos, uma vez que os mesmos desfrutam da estabilidade e do prestígio social de tal situação laboral, no entanto, apesar das duas subcategorias apresentarem uma métrica crescente similar no índice de satisfação, os professores contratados no serviço público educacional de Mato Grosso apresentam um percentual mais elevado (60,8%) comparado aos professores efetivos (47,9%).



Nesse trecho, não se pode deixar de citar um dos maiores estressores junto aos professores contratados, o medo da demissão a qualquer momento, refletida no sentimento do Professor 1644: “A desvalorização do contratado que não tem direito e tem que fazer as mesmas coisas que um efetivo”, corroborada pelo depoimento:

O medo de todo fim de ano não estar empregada, devido ao meu contrato ser temporário, e depois da contagem de pontos, torcer para conseguir emprego novamente no ano seguinte e quando não consegue sofrer atrás de outro qualquer para não morrer de fome. (Professor 819).

As métricas das duas subcategorias identificaram que a maioria dos professores, tanto os efetivos quanto os contratados, estão satisfeitos com o seu desempenho e com sua função. O percentual mais expressivo por parte dos professores contratados pode ser explicado pelo sentimento de gratidão de ter conseguido um emprego, aumentando assim seu nível de satisfação e com certeza seu desempenho. Por outro lado, esse sentimento não persistindo mais no professor efetivo, as cargas de estressores laborais acabam por serem maiores que sua satisfação e, consequentemente, diminuindo seu desempenho e expondo-o ao adoecimento físico e cognitivo.

Satisfação e titulação docente

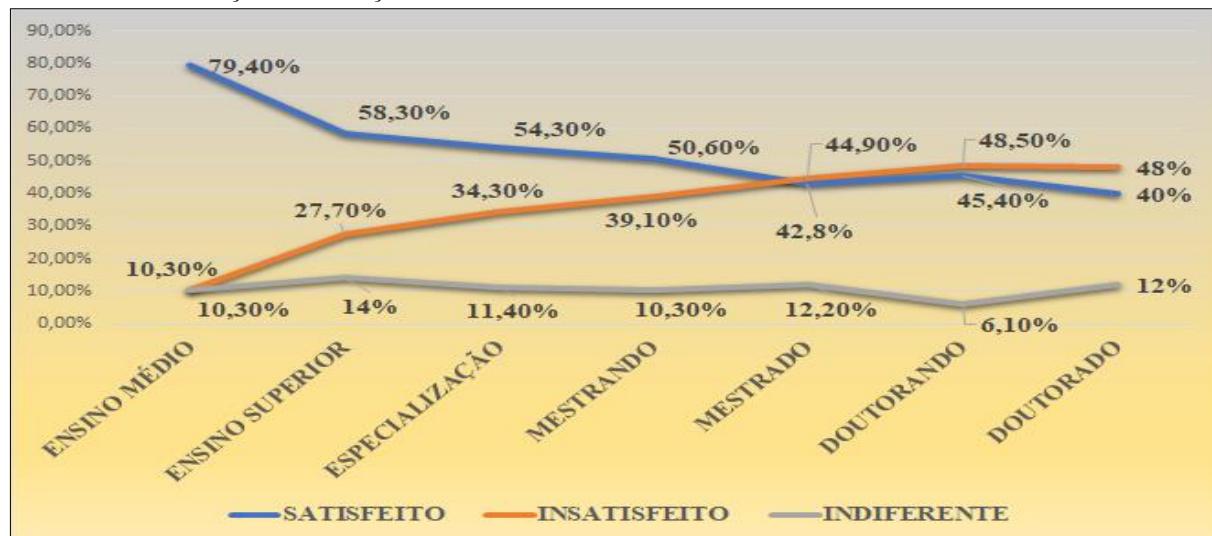
Com objetivo de averiguar se existia uma possível relação entre a satisfação laboral com o nível de escolarização dos professores da rede investigada, relacionou-se as respostas da variável (in) satisfação com um cenário de sete possibilidades de classificação formativa: do ensino médio (como vimos a possibilidade de existir professores com apenas esse nível de formação, em casos excepcionais, especialmente em escolas indígenas) ao doutorado.

O grupo dos professores que se manifestou indeciso apresentou certa homogeneidade em suas respostas ao longo do eixo horizontal, oscilando numa média de 10,9% com mínima de 6,1% para os professores que se encontram em pós-graduação em nível de doutorado e a máxima de 14% para os professores que apresentam a graduação como titulação junto à pesquisa. Dessa maneira, os doutorandos nesse grupo dos indecisos são considerados os mais insatisfeitos, uma das possíveis explicações para essa situação pode ser a não concessão de licença para a qualificação profissional, conforme descreveu o Professor 1324 que não conseguiu seu afastamento para qualificação profissional – doutorado – e afirmou ser estressante a conciliação da sua qualificação com a vida laboral.

Observa-se no gráfico 6 que a inversão das linhas entre os professores satisfeitos e os insatisfeitos é proporcionalmente inversa. O índice de satisfação entre os professores que

informaram possuir o ensino médio como maior nível de formação é de aproximadamente 80% contra aproximadamente 10% de insatisfação. Na segunda graduação da escala horizontal, os mesmos índices caem para 58% e 28%, respectivamente, para os declarantes na satisfação e na insatisfação. Com a especialização, os índices continuam a apresentar sua inversão proporcional, os satisfeitos caem para aproximadamente 54% e os insatisfeitos sobem para 34%, aproximadamente.

Gráfico 6: Satisfação e titulação docente



Fonte: construção dos autores.

A partir da pós-graduação do *stricto sensu* o processo de inversão se fortalece entre os mestrandos, o índice de satisfação é próximo a 50% e o de insatisfação alcança quase 40%. O processo de inversão em curso é matematicamente completo junto aos professores mestres da rede pública estadual de Mato Grosso, pois aproximadamente 45% manifestaram insatisfação com a profissão docente e os que se declararam satisfeitos cai pela primeira vez no gráfico 6 para aproximadamente 43% do universo pesquisado, apresentando-se inferior em relação aos insatisfeitos.

Entre os doutorandos o índice de satisfação sobe 3,5 pontos percentuais pela primeira vez, mas esse fator pode ser atribuído à queda dos indecisos que nessa situação ficou abaixo de sua média, fortalecendo assim o índice de satisfação. Todavia, o crescimento não é suficiente para alcançar o índice de insatisfação que também subiu para 48,5%. Com o término do período da pós-graduação *do stricto sensu* em nível de doutorado, a insatisfação se estabiliza em 48%, contudo, a satisfação volta a apresentar queda, fechando com o ciclo com 40% de satisfação e 12% de indecisão quanto a sua satisfação.



Estima-se que quanto maior o grau de satisfação das necessidades, melhor a saúde mental do indivíduo (Lester, 2013). Nessa perspectiva de inversão do quadro de satisfação que se declina em 50% aproximadamente, saindo de 79,4% e terminando com 40% no eixo horizontal que corresponde à formação acadêmica dos pesquisados, fica evidente que as políticas públicas estaduais, sobretudo em seus aspectos educacionais, não acompanham a formação profissional dos professores, as perspectivas de ensino não correspondem aos anseios adquiridos durante um longo período de pós-graduação. O desencanto é notório com o crescimento vertiginoso dos professores insatisfeitos, inicialmente de 10,3%, atinge um crescimento de mais de 360%, carecendo, sem nenhuma dúvida, da intervenção das autoridades constituídas do Estado para que lancem um olhar específico para essa discrepância percentual.

Também pode-se inferir que ao buscar a qualificação em pós-graduação *stricto sensu* os professores almejam abandonar a função docentes na educação básica, lançando-se ao ensino superior, que é reconhecidamente um campo de trabalho mais rentável financeiramente e, em muitas circunstâncias, menos complexo do ponto de vista das relações profissionais. (Freire, 1991, p.58) “Ninguém começa a ser professor numa terça-feira às 4 horas da tarde [...] ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”.

A desvalorização ocasiona o desinteresse pela profissão docente, causando prejuízos à saúde física e mental dos professores, todavia ele não adoece sozinho, consigo adoecem seus alunos que deixam de adquirir conhecimentos mínimos e necessários ao seu desenvolvimento, as famílias de seus alunos que deixam de vislumbrar um futuro mais profícuo aos seus filhos, sua comunidade escolar que não pode mais contar com sua força entusiasta na promulgação de meios aos conhecimentos, seu governo que passa a despender orçamentos em vão. A carreira docente não atrai e não estimula a formação de novos professores. Os jovens tendem a escolher áreas profissionais com portos mais viáveis economicamente, pois a ideologia de ser professor por vocação é apreendida depois da estabilidade financeira, porque não logra o despertar da vocação para a missão de educar sem valorização profissional.

Considerações Finais

Os achados nessa pesquisa reforçam que o desalento com a profissão docente não possui uma fonte monopolista, mas sim, distribuída em inúmeros estressores que ao longo do tempo desencadeiam adoecimentos físicos e cognitivos junto aos professores. Os resultados ratificam que 60% dos professores da rede pesquisada estão satisfeitos com as suas funções laborais,



mesmo assim indicam condições de melhorias necessárias ao bom desempenho docente. A outra parcela que declara insatisfação cita diversos estressores, tais como: a desvalorização docente; a violência; a falta de interesse dos alunos.

Políticas públicas urgem em sua implantação no sentido de enfrentamento aos estressores encontrados nos relatos dos professores, em especial ao grupo que compõe a parcela dos insatisfeitos, pois dois em cada três professores insatisfeitos declararam pensar, por várias vezes ou sempre, em mudar de profissão. Pode-se inferir que os professores insatisfeitos estão mais expostos ao desencanto profissional, de modo que atentar aos indicadores se manifesta de forma razoável no tocante a implementação das políticas laborais docentes.

Outro indicador de forte coerência estatística encontrada nos dados e carecedora de especial atenção se manifesta na titulação dos docentes partícipes da pesquisa, visto que a inversão da satisfação laboral é proporcional a ascensão formativa dos professores, considerando a ausência de um plano de carreira condizente ao almejado pela categoria. Com certeza uma defasagem entre o almejado e o alcançado com as especializações docentes, acionam a “tecla” da insatisfação laboral, que atinge, além da figura do professor descontente, toda a estrutura do ensino e aprendizagem contemplada em seu ciclo profissional.

Apesar de a pesquisa ter sido executada com bases probabilísticas por acessibilidade randômica simples quanto a sua amostragem, produzindo resultados significativos do universo pesquisado, recomenda-se cautela nos resultados ora obtidos, pois ela foi produzida em apenas um Estado Federativo do Brasil, não sendo desse modo a construção de um efeito generativo para outros Estados brasileiros nem mesmo comparações com outras categorias profissionais. Com certeza, emerge a necessidade de novos estudos para corroborar ou desconstruir os resultados ora apresentados, sobretudo, esses estudos devem preferencialmente delineados no perfil longitudinal, visando uma maior “cientifização” dos dados em detrimento de um maior tempo de observação.

Referências

BRASIL. Lei nº 8.745, de 9 de dezembro de 1993

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituciona/constituciona.htm. Acesso em 10 junho. 2020.



CARLOTTTO, M.S.; PALAZZO, L. S. Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 1017-1026. 2006. Disponível em: SciELO - Brasil - Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. Acesso em 15 de jul. de 2020.

CODO, W. Educação, carinho e trabalho: Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da Educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, P. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

FREUND, C.S; BIAR, L. A. Gerenciando o estigma do professor contratado: uma análise de discurso crítica. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 33, e166838, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982017000100132&lng=en&nrm=iso. Acesso em 29 de jun. de 2020.

GIL-MONTE, P.R. *El síndrome de quemarse por el trabajo*. Madrid, Pirâmide, 2006.

GIL-MONTE, P. R.; CARLOTTTO, M. S. Sheila Gonçalves Câmara. Validação da versão brasileira do “Cuestionario para la Evaluación del Síndrome de Quemarse por el Trabajo. em professores. *Rev Saúde Pública*, v.44, n.1, p.140-7, 2010.

KELLY, Á. et al. Challenging Behaviour: Principals' Experience of Stress and Perception of the Effects of Challenging Behaviour on Staff in Special Schools in Ireland. *European Journal of Special Needs Education*, v. 22, n. 2, p. 161–181. Maio 2007. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/08856250701269507> . Acesso em 29 de jun. de 2020.

LAROCCA, P.; GIRARDI, P.G. Trabalho, satisfação e motivação docente: um estudo exploratório com professores da educação básica. *Anais X congresso nacional de educação*. 2011.

Lester, D. (2013). Measuring maslow's hierarchy of needs. *Psychological Reports*, 131 (1), 15 - 17. DOI: <https://doi.org/10.2466/02.20.PR0.113x16z1>.

LEVY-LEBOYER, C. *A crise das motivações*. São Paulo: Atlas, 1994.

LIPP, M. N. *O estresse do professor*. Campinas: Papirus, 2002.

MCCLELLAND, D. C. *A Sociedade Competitiva – realização e progresso social*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura. 1972. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/enfermagem/a-teoria-mcclelland/35557>. Acesso: 08 de out. de 2020.

MENEZES, M. E.; SILVA, E. L. *Metodologia da pesquisa e elaboração de Dissertação*. 3 ed. Florianópolis, 2001.

NÓVOA, A. *Vidas de professores*. 2. ed. Portugal: Porto, 2007.

PIMENTA, T. *Saúde mental no ambiente de trabalho*. Disponível em: <https://www.vittude.com/empresas/saude-mental-no-ambiente-de-trabalho> Acesso: 10 de Nov. de 2020.



POCINHO, M.; CAPELO, M. R. Vulnerabilidade ao estresse, estratégias de enfrentamento e autoeficácia em professores de português. *Educ. Pesqui.* São Paulo, v. 35, n. 2, p. 351-367, agosto de 2009. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022009000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em 07 de jul. de 2020.

RAMOS, M. F. H. et al. Satisfação no trabalho docente: Uma análise a partir do modelo social cognitivo de satisfação no trabalho e da eficácia coletiva docente. *Estud. psicol.* Natal, v. 21, n. 2, p. 179-191, June 2016. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2016000200179&lng=en&nrm=iso. Acesso em 29 de jul. de 2020.

ROBBINS, S.; JUDGE, T.; SOBRAL, F. Comportamento organizacional: teoria e prática no contexto brasileiro. 14 ed. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

SÁ, M. A. D. et al. Qualidade de vida no trabalho docente uma questão de prazer. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisas e Programas de Pós-graduação em Administração. ANPAD. Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

TARDIF, M. et al. Formação dos professores e contextos sociais: perspectivas internacionais. Porto: Rés, 1997.

ZARAGOZA, J. O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru, SP: EDUSC, 1999.